

Apéndice documental

Revisitar a *Odisseia* e repensar Ulisses

(Testimonio sobre la génesis de la novela *A cidade de Ulisses* por Teolinda Gersão)

Posso dizer que a *Bíblia* e a *Odisseia* são para mim dois grandes livros fundadores, mananciais de sabedoria e de beleza, e também fontes de grandes questões sem resposta, que sempre de novo me convocam.

Helenistas famosos consideram a *Ilíada* literariamente mais perfeita, mas a minha escolha, entre as obras de Homero, recairá sempre na *Odisseia*, que vejo como o primeiro romance europeu, matriz de todos os outros.

Pelo seu poder intemporal e simbólico, a figura mítica de Ulisses é um arquétipo do ser humano, em viagem pela vida, e qualquer um de nós se pode identificar com ele, sem medo de cair no pecado da *hubris*. Daí a persistência e a ressurreição da sua história, em várias literaturas, até à actualidade.

Ulisses é um homem que considera a vida mortal suficientemente atractiva para não querer trocá-la por nada, nem mesmo pela imortalidade. É uma figura positiva, de afirmação, e a *Odisseia* é um romance de amor feliz. O seu herói quer voltar, e volta, para casa. Para a mulher amada.

Viajante, navegador, homem de perigos e situações-limite, conquistador de cidades (decisivo na tomada de Tróia através do estratagema do cavalo), sabe usar a inteligência e a racionalidade, mas também a intuição e a astúcia, é capaz de recuar e pensar, mas também de rapidamente captar e apreender novas situações a que se adapta.

É também eloquente, tem o dom da palavra, sabe liderar, persuadir e narrar. Desde logo a sua própria história, como faz na corte de Alkinoos, onde, por um golpe de mestre, Homero, que domina com a maior eficácia as artes da narrativa, coloca o aedo Demodokos cantando a história de Ulisses. Ao revelar a sua identidade, Ulisses substitui-se ao aedo e passa a ser o narrador—assumindo ao fazê-lo o lugar de Homero.

Contar a sua história é conhecer-se, saber quem se é, ter integrado a experiência vivida. O momento em que Ulisses narra/assume a sua história – a sua identidade – é o momento em que

chega ao fim da errância, e merece voltar a casa. É ele, aliás, o único que volta. Os seus companheiros estão mortos, naufragam, perderam-se, nada mais sabemos deles, pois só regressa a casa quem se encontrou a si próprio no caminho.

Ulisses volta porque quer voltar. No vasto mundo exterior das aventuras, é o corpo da mulher amada que o guia, como força centrípeta, para a interioridade da casa, do leito conjugal onde se reencontram, numas segundas núpcias que reatualizam as primeiras. A tensão exterioridade-interioridade é o ritmo subterrâneo da narrativa.

Por amor de uma mulher, mortal como ele, Ulisses recusa a imortalidade oferecida por Calipso, vence o canto das sereias, os poderes mágicos de Circe. Regressa a Ítaca, reentra em casa, volta ao papel de rei, de pai, de esposo, e, segundo a profecia de Tirésias, na descida ao lugar dos mortos que também fez parte do seu percurso, terá “uma morte suave” quando chegar a hora.

Assim nos diz a leitura “canónica” da “vulgata” homérica.

No entanto é extremamente interessante verificar que a Antiguidade não considerou esta versão a única possível, nem sequer lhe pareceu suficientemente satisfatória – e por isso nos deixou várias outras, como se a história estivesse de algum modo “mal contada” e fosse preciso contá-la sempre outra vez:

Penélope ouve rumores sobre a morte de Ulisses e corre a afogar-se no mar. Mas é salva por pássaros, provavelmente gaivotas, que a trazem até à praia;

Penélope cansa-se de esperar por Ulisses e cede aos pretendentes, sobretudo a um deles, Anfíno. Ulisses regressa e mata-a, ao saber-se atraído;

Ulisses não mata Penélope, mas torna a partir de Ítaca, desolado com a sua infidelidade;

Cansada de esperar, Penélope deita-se com os cento e vinte e nove pretendentes. Desses amores nasce o grande deus Pã – uma criatura híbrida, sobre-humana, ligada à força criativa e bela da natureza, mas também infra-humana, animalesca e lasciva.

Ulisses regressa e é morto por seu filho. Não por Telémaco, mas por Telégono, filho de Ulisses e de Circe. Depois de matar Ulisses, Telégono casa com a mulher de seu pai, Penélope, ligando desse modo a Édipo o mito de Ulisses.

A Antiguidade é portanto pródiga em versões do mito, mostrando que a ficção, como a realidade, pode olhar-se de muitas perspectivas. Acrescentemos portanto mais algumas:

Através da sua ausência, Ulisses roubou a vida a Penélope e a Telémaco, que não cresceu e ficou sempre no papel de filho. Ulisses ocupou todo o espaço, passado e futuro. Só ele foi rei.

Mas, vinte anos depois, já não seria rei por direito próprio, tornar-se-ia o usurpador, o que viria roubar o trono do seu filho. Telémaco deveria ter libertado a mãe dos pretendentes, ser ele próprio rei, ter por sua vez uma mulher e pelo menos um filho. Ulisses já não teria lugar quando voltasse, a não ser como súbdito do seu filho.

No entanto Ulisses nunca aceitaria o papel de súbdito. Na *Odisséia* Telémaco não faz mais do que ajudar o pai a recuperar o poder para si próprio. Ulisses exige controlar tudo, ser senhor de tudo, até do tempo.

Na versão de Homero, o tempo obedece-lhe. De repente vinte anos não passaram, o leito conjugal e a mulher amada continuam lá, à sua espera, e a deusa Atena faz com que a noite do reencontro não termine antes de Ulisses, através de amor e de palavras, ter de novo ligado os fios quebrados do passado e do presente, como se fosse possível eliminar no meio a ruptura.

Este é o final feliz que a imaginação da Antiguidade questionava - e também nós hoje a questionamos.

Não há lugar para deuses que suspendam o tempo, o anulem ou prolonguem, à medida do nosso desejo. Não há regresso. Na vida não se pode voltar atrás. Por isso a história não pode ser contada como Homero a contou.

Por outro lado, é possível imaginar que Ulisses encontra na guerra de Tróia não apenas o dever viril de combater, mas também, ou talvez sobretudo, um alibi para deixar Penélope. Afinal, uma vez conquistada, a mulher que ama, o filho e a ilha de Ítaca, tornam-lhe a vida demasiado estreita, está cansado do quotidiano doméstico e anseia por fazer-se ao largo, em busca de aventuras, no mundo dos homens que é o das armas e da guerra.

Curiosamente, as versões da Antiguidade em que Ulisses se finge louco, para não ter que deixar Ítaca e entrar na guerra, podem ser lidas como tentativas de responder, negando-as, a este tipo de considerações.

Ulisses afirma-se na *Odisseia* como o homem de uma só mulher – mas na verdade também não quer renunciar a conhecer todas as outras.

Penélope, noutra versão ou versões da Antiguidade, nem sequer foi a sua primeira escolha, mas sim Helena, a mais bela da Grécia. Mas Ulisses prefere Penélope, prima de Helena. Uma escolha sensata, porque também ela é filha de rei e oportunidade de um casamento economicamente vantajoso. A beleza de Helena é um risco demasiado grande – como a História provou. Helena é um intenso objecto de desejo para os homens, e não é fácil prendê-la no leito conjugal. Por isso Ulisses recua e prefere escolher Penélope, menos desejável porque menos bela. Porque ele quer a segurança do leito e do lar só para si.

No entanto é a ausência do lar que vai preencher a sua vida. Na época vinte anos era praticamente o tempo da vida adulta, e os seus encontros decisivos na viagem serão com outras mulheres. Quase todas perigosas, figuras de sedução e de morte: as sereias, que o atraem pelo canto, a ele que é o herói de um poema cantado, que a dada altura ele próprio cantará/contará, na sua voz.

As sereias são suas irmãs num canto mágico que atravessa o tempo, sabem o que aconteceu no passado, possuem conhecimento e poder. Mas Ulisses não cede às suas vozes, sabe que elas devoram quem vai ao seu encontro.

E consegue (com ajuda divina) escapar aos sortilégios de Circe e aos braços amorosos de Calipso.

Nausica, pelo contrário, não representa um perigo. É uma adjuvante, uma jovem núbil que se apaixona no primeiro encontro e em algumas versões Ulisses, decepcionado pela traição de Penélope, voltará para desposá-la; noutras versões será Telémaco a desposá-la e a torná-la um dia rainha de Ítaca.

Rodeado de mulheres sedutoras que vai sempre abandonando, Ulisses é, na visão de Pierre Solié, um narcísico “filho-amante” que, em todas as suas viagens, busca a sereia impossível que é o seu próprio reflexo.

Os papéis de homem e mulher, na *Odisseia* bem definidos e delimitados, são hoje questionáveis e intermutáveis. O papel e o lugar de um filho e o papel e o lugar de um pai, tal como o papel e o lugar de uma mãe, e de uma mulher, tornaram-se problemáticos, e não um dado evidente e adquirido.

Através dos milénios as relações humanas sempre foram complexas e questionáveis, entre homens e mulheres, como entre países e civilizações. Foi também essa constatação que me levou, enquanto escritora portuguesa do século XX-XXI, a ceder à ousadia de repensar, e em parte reescrever, a *Odisseia*, num romance publicado em 2011, e escrito nos três anos anteriores, quando já se tornava patente a incerteza de uma Europa interligada por valores humanitários e igualitários, que no entanto, por razões económicas, pretendia excluir da unidade a Grécia, berço da civilização europeia. O dinheiro e o lucro parecia afinal ser o objetivo da UE, o aquecimento global e as alterações climáticas punham em risco o planeta e uma profunda crise de valores assolava o mundo - o que aliás se tem tornado cada vez mais visível, como passar do tempo.

Repensar e de algum modo reescrever a *Odisseia*, nesses anos do início do nosso século, parecia-me imensamente sedutor, embora sempre obviamente um risco (mas todos os escritores, grandes ou não, só sobrevivem se arriscarem tudo).

Joyce “reinventou” a *Odisseia* em vinte e quatro horas da vida de uma personagem, na sua cidade, Dublin. O livro, a que dedicou toda a vida, e várias vezes, em desespero, quis destruir, é um monumento literário incontornável do século XX.

Mas, a não ser na imaginação de Joyce, Dublin não tem nenhuma ligação com a figura de Ulisses. Lisboa, pelo contrário, tem tudo a ver com ela: segundo uma lenda grega com pelo menos três milénios, Lisboa foi fundada por Ulisses, o que deixou marcas no imaginário da cidade.

Achei que fazia todo o sentido falar da minha cidade, da sua história actual e passada, numa narrativa que recuperasse as personagens e os motivos centrais da *Odisseia*, do ponto de vista da nossa época. Não pretendi dar respostas, mas levantar as grandes questões que a *Odisseia* coloca, e nos continuam a desafiar até hoje, quer nas relações interpessoais, quer nos conflitos e guerras entre países, continentes e civilizações. Foi assim que surgiu “A cidade de Ulisses”.